

## FELIPPE D'OLIVEIRA, O SIMBOLISTA DE VIDA EXTINTA

Alice T. C. Moreira

Estar vinculado a movimentos literários sucessivos não é fato novo dentro da literatura, significando um posicionamento dinâmico diante do fato estético, evolução determinada pela busca de maior expressividade. Singular é ter Felipe D'Oliveira produzido, apenas, duas obras, uma nitidamente simbolista — Vida Extinta (1) — separada por dez anos de silêncio de Lanterna Verde, expressão vigorosa do Modernismo. Os aspectos mais característicos da segunda fase já se podem entrever no poeta adolescente da primeira: plasticidade do símbolo, tratamento harmonioso do ritmo, sobriedade de recursos estilísticos e liberdade formal. É o que revela sua poesia, voltada à apropriação do mundo cósmico através do exame exaustivo das sensações, expressas em linguagem precisa, formando imagens de lirismo puro e original. A análise limitar-se-á, no entanto, aos nove poemas simbolistas que constituem Vida Extinta, seu primeiro livro publicado.

Captar a fração fugidia e mutável de tempo e espaço, em imagens de forma, movimento, cor e som, converte cada poema em experiência que chega, algumas vezes, a resultados surpreendentes. A descrição é revitalizada pelo poder do simbolismo sensorial.

(1) A ortografia do original foi atualizada, em todas as citações e textos selecionados.

.....  
A curva não modela, a linha, esquiwa,  
não esboça, e não canta o plectro raro  
teu nervoso perfil de sensitiva,  
.....

(História leal dos meus amores)

.....  
E na plangência do Angelus, no Outono,  
à hora de chover cinza nos vitrais,  
no órgão acompanhava as danças agitadas  
das folhas secas assustadas,  
redemoinando ao vento,  
na extensão pardacenta da alameda,  
em cadências monótonas e suaves,  
como esse passo cauteloso e lento  
dos cegos caminhando sobre seda...  
.....

(A Saudade do Som)

.....  
Lá, na distância, aquele vulto de cipreste...  
alonga indefinidamente  
a projeção comprida  
da sua sombra...  
.....

(Um Outono Depois)

Essa característica atingirá o virtuosismo em Lanterna Verde, "rica e maravilhosa biografia de sensações". (2)

As formas lineares (a olhar teu perfil de princesa d'antanho) e espaciais (farandolando, rondam vultos apagados) existem em função do movimento e, por isso, plásticas, indefinidas. Acompanham o ritmo do verso em harmonia de rimas, acentos e articulação. O espaço, apenas, delineado, é simples suporte, inexpressivo pano de fundo de uma arte cinética. O dinamismo interno das imagens projeta-se no sintagma, originando o impulso rítmico que culmina nas cesuras e rimas, ou na sucessão de versos largos e curtos. Seus belos decassílabos e alexandrinos dos primeiros poemas, aos poucos, vão-se transformando, o verso adquire fluência e flexibilidade em aproximação à fase modernista.

Além do poder organizador, a rima é rica e musical, sugerindo analogia de sentido.

(2) Oswaldo Orico — IN MEMORIAM — pág. 175 — Sociedade Felipe D'Oliveira — 1933, São Paulo.

.....  
À sobra de uma torre, trágica e alta,  
cai sobre as folhas lacrimosas de um salgueiro...  
O plenilúnio sobe, hirto, agoireiro  
e derramando alvares lívidos funérios  
exalta  
evocações veladas de mistérios...  
.....

(Um Outono depois)

O cromatismo, em conjunto com a forma dinâmica, cria a estrutura onde se manifesta a visão mítica, através de conteúdos relacionados ao sobrenatural, ao místico e ao inconsciente. Este efeito se manifesta tanto na atenuação dos processos cromáticos, como na sua intensificação. O simbolismo caracteriza-se pela neutralização da cor, mas, alguns poetas brasileiros simbolistas, entre eles Alceu Wamosy e Felipe D'Oliveira, muitas vezes transformaram a penumbra em tons suaves ou cores vivas e precisas, na apreensão da realidade. Este último usa, freqüentemente, o verde, o azul, o dourado, o vermelho e o roxo.

.....  
Vou para o sol, e os seus reflexos ruivos,  
da flavescência acesa dos trígais,  
.....

(Desafinamentos)

.....  
O crepúsculo é todo uma estranha ametista,  
enclamar o céu, fundo, de buréis roxos...  
É assim, magoadado, evoca um poema simbolista  
musicando em surdina ao canto-chão dos mochos...  
.....

(Um punhado de terra e um punhado de sal)

Ao vocabulário tipicamente simbolista, acrescenta, ainda, uma particularidade — termos eruditos, científicos e técnicos, com o os quais consegue ironia, humor, mistério e principalmente, ambigüidade despertando interesse pelo sentido prometido, logo negado.

.....  
Eu hoje estou com as crises de Cezário...  
Abafo ímpetos bruscos, esquisitos...  
O meu temperamento tumultuário  
é um desconchavo doido de ais e gritos.  
.....

(Desafinamentos)

Trazam no fulvo olhar áscuas de labareda...  
As neblinosas mãos erguem ânforas de ouro...  
E elas passam, sutis, na alfombra da alameda...  
.....

(Elogio da Volúpia)

A concentração desses símbolos, todavia, não produz o enfado, uma vez que, bem trabalhados, a cada leitura integram-se mais nas imagens.

O gosto pela linguagem ornada, pela frase burilada e pelo emprego parcimonioso de recursos estilísticos o tornariam parnasiano se estes aspectos não estivessem solidamente encrustados num contexto simbolista, onde, perdendo a objetividade, tornam-se símbolos de uma linguagem segunda da obra. Descrevendo as sensações com termos específicos, confere um sentido que não é o sentido literal da frase. Este sobressentido provém menos dos significados, que das relações estabelecidas com outros símbolos na linha sintagmática, ou com associações estabelecidas na linha do paradigma.

.....  
E ressonam tinidos  
dos cíatos batendo os cântaros quebrados...  
.....

(Elogio da Volúpia)

Jamais vulgariza a expressão, mesmo na linguagem coloquial, marcada por vocativos onde a emoção é mascarada pela metáfora. A sintaxe é simples. Os verbos específicos e variados estruturam substantivos e adjetivos eruditos. Salienta-se o uso de termos sinônimos, mas de origem diversa, popular e erudita, recurso que mantém e intensifica a significação.

.....  
a saciedade farta e umedecida  
dos teus beijos acidulos e azedos  
.....

(História leal dos meus amores)

...o infinito da um céu lícido e claro...  
.....

(Idem)

...em teus olhos pressagos e agoireiros...  
.....

(Miss Alva)

...em hemoptise flórea ensangüentado.  
.....

(Versos ao Cais)

...a sombra de uma chama extinta e morta.  
.....

(Idem)

As figuras são raras, destacando-se a comparação, onde a presença da comparativa corta, repentinamente, a pluralidade de sentidos e torna claro o verso, ou desmitifica o símbolo pela evidência do processo gerador,

.....  
És um símbolo: evocas, ..

(Miss Alva)

.....  
Açam-se, sagitais, os vultos das palmeiras,  
espiritualizando os aspectos de Agosto.

.....  
(Um punhado de terra e um punhado de cal)

ou emprega, com valor metafórico, símbolos metalingüísticos.

.....  
...o lírio dos pré-rafaelistas,  
nascestes para ser, por teu todo que enleava,  
modelo de pintores simbolistas...

(Miss Alva)

Mas, em toda a obra, observa-se a metáfora radical, aquela que deriva da união constitutiva do mito e da linguagem, transformada pela liberação estética e revitalizada em seu poder de conhecimento e fascinação. O símbolo se mantém puro e a capacidade de usá-lo com a máxima expressividade, sem recorrer a artifícios, levou a crítica a classificar a poesia de Felipe D'Oliveira como apolínea, certamente em harmonia com a sua figura clássica de grego. "Há nele um tormento, um desespero pelo plasma verbal único... revestindo a imagem, com uma única forma: a forma única. Sua poética é sucessão de imagens." (3)

O poema inaugural, em suas três primeiras estrofes já define a posição do autor. Não é um místico e sua vigorosa organização mental e emocional afasta-o dos temas mórbidos. Com sã jovialidade, reveladora da harmonia de funções orgânicas, acolhe o mundo pleno de formas, sons e cores. Seus sentidos, alertas e exaltados são o caminho da integração. O poeta reproduz a gênese, organizando, pela palavra, o universo a partir de uma perspectiva descontínua, em que seleciona e classifica sensações individuais em relação ao objeto. Este permanece indefinido na própria descrição,

(3) In Memórias de Felipe D'Oliveira — pág. ... — São Paulo, 1933 — Edição Sociedade Felipe D'Oliveira.

reduzido a simples estímulo, elemento de auto-revelação (és um símbolo — evocas...) O mundo é, assim, falado de um só ponto de vista, a percepção sensorial, resultando em obra de mais alto valor, pois, "a qualidade de uma obra é a pureza de uma visão que dura". (4)

A visão mítica se manifesta, quando se considera o mundo uma mensagem a ser decifrada. Se o mundo se revela como uma linguagem é por estarem estreitamente ligados mito e linguagem, numa origem comum, o pensar metafórico. Posteriormente o "logos" determina um afastamento entre ambos, mas a arte restaura o poder figurador da palavra, segundo Cassirer. E a poesia lírica, especialmente, está baseada em motivos mítico-mágicos, que mantêm uma ligação com o mito, embora desembaraçada de toda coação objetual. A interpretação lírica do mundo, oferecida por Felipe D'Oliveira, não foge à generalidade. É aí que o "universo do puro sentimento atinge a expressão e, assim, sua plenitude". (5) O controle das emoções, no entanto, só é liberado nas poesias de caráter onírico, onde o inconsciente do poeta se manifesta pelas constelações míticas estruturadas na linguagem.

Além de indicações esparsas em toda a obra, onde o "encantamento verbal é sempre acompanhado pelo encantamento imagético" (6), há quadros que se destacam. Uma cena de iniciação abre Vida Extinta. Nela figuram o sol e a água como elemento de purificação e ascensão, em conjunto com a montanha e a tonalidade azul. A água, à luz benéfica do sol, constitui, com ele, elemento gerador de vida. Sob o olhar do ídolo que emerge da argila da montanha, o batismo é passagem a um estado existencial mais satisfatório, verdadeira ressurreição. Uma atitude é tomada, harmonizar seu ritmo vital ao ritmo universal. Alcançar a alegria pela integração profunda com a natureza. A exemplo dela, não desvenda seu mundo interior. Aí reside sua força, seu equilíbrio, seu auto-domínio.

.....  
no meu exílio dentro de mim mesmo,  
fui deparar com a felicidade.

.....  
(Versos ao Cais)

Decide ser só e ser solidário. Respeitando a intimidade dos seres, procura apreender a unidade do real pelas múltiplas percepções

(4) Roland Barthes — Crítica e Verdade — pág. 77 — São Paulo, 1970 — Editora Perspectiva.

(5) Ernst Cassirer — Linguagem e Mito — pág. 115 — São Paulo, 1972 — Editora Perspectiva.

(6) (idem).

dolente como as harpas,  
de olhos litúrgicos na auréola das olheiras  
pelos silêncios dos crepúsculos de bruma,  
lê sempre o mesmo livro e a escutam as palmeiras,  
emergindo de ocasos sismerentos...

Eifen, dolente assim, e assim de espuma e de ouro,  
amava os sons cinzentos  
e as harmonias graves de abandono...  
Foi tocadora de órgão pelas catedrais...  
E na plangência do Angelus, no Outono,  
à hora de chover cinza dos vitrais,  
no órgão acompanhava as danças agitadas  
das folhas secas assustadas, redemoinhando ao vento,  
na extensão pardacenta da alameda,  
em cadências monótonas e suaves,  
como esse passo cauteloso e lento  
dos cegos caminhando sobre seda...

que se produzem na temporalidade. Por isso se manifesta tran-  
qüilo, alegre, irônico, às vezes, superficial e quase anedótico. Mas  
cada vez que a modificação das coisas desvenda sua interioridade,  
revela angústia e medo de, conhecendo-as, ser levado a penetrar  
em seu próprio ser e encontrar o desejo de complementação no  
outro.

.....  
Lembro mortos desejos que matei,  
cultos de amor que ergui, com fetichismo,  
e o triunfo sobre mim que eu celebrei,  
quando a minha alma para ser sincera,

rebelada e descrente,  
ao meu orgulho e ao meu egoísmo,  
mostrou em vez do amor a efígie da químera  
e me gritou para eu me amar a mim somente!

.....  
(Versos ao Cais)

.....  
Já me esqueci de amar! Minha alma está serena  
e eu tenho medo da minha alma...

A paisagem mudou... A paisagem me acena...  
Há convulsões nos gestos da paisagem...  
e eu tenho medo...

.....  
(Um Outono depois)

No poema final, aparece o cais, variante de praia e porto.  
Ponto de chegada e de partida. Limite do desconhecido. Porta a-  
berta ao novo e à aventura. Regresso ao antigo, às origens. Limiar  
entre o "ser" e o "não-ser", o real e o imaginário. É, portanto,  
um símbolo intermediário, homólogo do crepúsculo. Relaciona-se  
ao quadro inicial pela analogia de funções — a decisão de buscar  
vida nova, rompendo todas as amarras, na penetração "ao sem  
fim de algum exílio suave... exílio dentro de mim mesmo"...  
onde foi "deparar com a felicidade".

Noutro quadro, ainda aparece o sol, como princípio paterno  
é também visão que penetra o íntimo, a verdade do ser. Sua luz  
já não é clara, mas carregada de forte tonalidade ruiva, queima e  
desajusta, despertando mecanismos de identificação e rejeição. A  
esta tonalidade luminosa está associado o dourado, que lembra o  
ouro dos alquimistas, e, portanto, maléfico, como o louro dos ca-  
belos das mulheres sensuais.

.....  
Vou para o sol, e os seus reflexos ruivos,  
da flavescência acesa dos trigais,  
tangem meus nervos desandando, aos uivos,  
em desafinamentos sensoriais.

.....  
(Desafinamentos)

Os seus cabelos prendem folhas nos caminhos...  
Olho-as: é a irradiação de um flavo incêndio louro...

.....  
(Elogio da Volúpia)

Opondo-se aos símbolos de vida e elevação, o sonho abre a-  
quela estrada segunda que leva ao sentido profundo, à linguagem  
do inconsciente. Surge, então, nas poesias de caráter onírico a noi-  
te e as águas estagnadas, iluminadas pela lua, formando a conste-  
lação maléfica da morte com implicações transcendentais. A per-  
da da visão das formas, ocasionada pelas trevas, ou mesmo, a  
transformação a que a passagem do tempo leva todas as coisas,  
provocam o medo primitivo da morte, do caos, do nada. A men-  
sagem terrificante da noite e das águas noturnas, embora anima-  
das do sobrenatural, em Felipe D'Oliveira são atenuadas por  
fragmentos de luz, ou pelo verde da paisagem. É quando o desejo  
libera os instintos na busca do prazer. Medo e prazer, as duas  
manifestações mais primitivas, liberadas pelo sonho, indicadoras  
da angústia da temporalidade e da finitude.

.....  
...E a noite veio e eu me perdi dentro da noite...

Vago na sombra... Vago dentro do mistério...

(Um punhado de terra e um punhado de cal)

— Noite!... Estirada assim por estes céus oblongos,  
fazes ainda crescer nossas mudas torturas...

(Idem)

Chaga-me o sonho. Sonho... É um cenário indistinto.  
Tudo é verde, e entre o verde, animando as paisagens,  
um fauno ri, de entre os acantos de um plinto.

(Elogio da Volúpia)

Mas, a noite apreciada em estado de vigília não aterroriza,  
antes, emociona e leva a momentos de intenso lirismo, grandioso,  
talvez, as mais belas imagens desta obra:

Abro os vitrais: que noite imensa...  
Envelhecida,  
a mesma lua do outro Outono (aquele Outono)  
cansada agora, incensa,  
como um turíbulo de luar, a noite agraste...

(Um Outono depois)

E aquelas noites pelo céu deserto...  
Que lindas noites... (Pudesse ainda eu vê-las...)  
E a lua como um lírio em fogo aberto,  
a derramar o pólen das estrelas...

(Terra Perdida)

No poema "Um Outono depois", o poeta estabelece um paralelismo entre a paisagem e seu mundo interior. Entrar em contacto com as árvores é tomar consciência de si mesmo. A paisagem estática está ao nível da paz interior conseguida pelo auto-domínio (Ser só, logo em começo, me fez mal. / Mas quis vencer... / amordecei meu nervos... / fui deparar com a felicidade). A lua, elemento feminino, anima as árvores e surge a recordação da amada distante, ameaçando o equilíbrio conquistado. A medida que aumentam estas recordações, até a sensação viva de presença, a perturbação na natureza chega ao clímax, bem como

a convulsão interior. É interessante notar que a mulher amada não sofre o mesmo tratamento descritivo que as demais. É parte da alma do poeta, identifica-se com ele, não necessita de imagem, pois é presença, embora ausente.

Anda uma sombra na alameda adormecida...  
Anda alguém a acordar todo o arvoredo...  
...Eu tenho um grito estrangulado nas entranhas...  
...E tu ficaste lá... longe... na minha vida...

O autor de Vida Extinta, o jovem poeta de vinte anos, com esta obra de inagável valor, confirmado e ampliado pela publicação de Lanterna Verde, merece a estima de que goza no cenário literário brasileiro, justificada e definida por estes versos:

— Não importa o que foi.  
Não importa o que será.  
Fixa a imagem do teu instante  
na superfície ou no coração da vida  
e esquece o tempo.

#### BIBLIOGRAFIA

- Felipe D'Oliveira — Vida Extinta — Rio de Janeiro, 1911 — Edição das oficinas gráficas da Liga Marítima Brasileira.
- Felipe D'Oliveira — Lanterna Verde — Rio de Janeiro, 1933 — 2.<sup>a</sup> Edição — Edição de Pimenta de Mello & Cia.
- In Memoriam de Felipe D'Oliveira — São Paulo, 1933 — Edição da Sociedade Felipe D'Oliveira.
- Afrânio Coutinho — A literatura no Brasil — IV Volume — Rio de Janeiro, 1969.
- Antonio Candido, J. Aderaldo Castelo — Presença da Literatura Brasileira II — São Paulo 1972 — IV Edição — Difusão Européia do Livro.
- Massaud Moisés — A literatura brasileira — IV volume — São Paulo, 1973 — IV Edição — Editora Cultrix Ltda.
- Andrade Muricy — Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro — 2.<sup>a</sup> Edição — Volume I — Coleção Literatura Brasileira — Instituto Nacional do Livro.
- Roland Barthes — Crítica e Verdade — São Paulo, 1970 — Editora Perspectiva.
- Ernst Cassirer — Linguagem e Mito — São Paulo, 1972 — Editora Perspectiva.
- Roman Jakobson — Lingüística e Comunicação — 2.<sup>a</sup> Edição Revista — Editora Cultrix Ltda.
- Monique Augras — A Dimensão Simbólica — Rio de Janeiro, 1967 — Fundação Getúlio Vargas.
- Notas de aula da cadeira de Teoria Literária II — Prof.<sup>a</sup> Heda Caminha — PUC.

## ANTOLOGIA

### HISTÓRIA LEAL DOS MEUS AMORES

Eu tive a iniciação para a alegria  
num templo primitivo de paisagem,  
em que, num fundo aberto de baía,  
da argila das montanhas emergia  
a forma azul de um ídolo selvagem.

Entrei na imensidade dessas águas,  
de alma feliz, cantando em tons de trova...  
E ao batismo de um sol ghispanando frâguas  
eu jurei esquecer antigas máguas  
numa esperança ideal de vida nova...

A vida, então, logo me deu meu fado,  
— meus maus desígnios e meus bons mistêres —  
e, no decurso desse tempo andado,  
os homens quase todos tenho odlado  
e tenho amado todas as mulheres.

### A SAUDADE DO SOM

Branca, dentro das charpas,  
Ellen, inglesa e loura, d'ouro e espuma,

E ao batismo de um sol chispando frâguas  
eu jurei esquecer antigas máguas  
dolente como as harpas,  
de olhos lílúrgicos na auréola das olheiras  
pelos silêncios dos crepúsculos de bruma,  
lê sempre o mesmo livro e a escutam as palmeiras,  
emergindo de ocasos sismarentos...

Ellen, dolente assim, e assim de espuma e de ouro,  
amava os sons cinzentos  
e as harmonias graves de abandono...  
Foi tocadora de órgão pelas catedrais...  
E na plangência do Angelus, no Outono,  
à hora de chover cinza dos vitrais,  
no órgão acompanhava as danças agitadas  
das folhas secas assustadas, redemolnhando ao vento,  
na extensão pardacenta da alameda,  
em cadências monótonas e suaves,  
como esse passo cauteloso e lento  
dos cegos caminhando sobre seda...

a mesma lua do outro Outono (aquele Outono...)  
cansada agora, incensa,  
como um turbulo de luar, a noite agreste...

O arvoredo está quieto... O arvoredo me assombra...

Lá, na distância, aquele vulto de clpreste  
alonga indefinidamente  
a projeção comprida  
da sua sombra...  
(E tu ficaste lá... longe... na minha vida...)

O vento plange, silenciosamente...

Quero pensar em ti, recordar meus anhelos...

Os plátanos se movem, vagarosos,  
crispam dedos nodosos,  
e, alçando-se à janela, agarram-se os cabelos...

Ficas perdida nas distâncias...  
Tua saudade  
desnastra sobre mim uma mortalha de ânsias...  
A paisagem se amplia à claridade...

A sombra de uma torre, trágica e alta,  
cae sobre as folhas lacrimosas de um salgueiro...  
O plenilúnio sobe hirto e agoureiro  
e derramando alvares lívidos, funéreos,  
exalta  
evocações veladas de mistérios...

Rangem as folhas secas...

À luz branca do luar, quietas, paradas,  
pela extensão lodosa das charnecas,  
brilham as águas mortas estagnadas...

Ai! a minh'alma!... Eu tenho medo da minh'alma!...  
Já me esqueci de amar! Minh'alma está serena  
e eu tenho medo da minh'alma...

A paisagem mudou... A paisagem me acena...  
Há convulsões nos gestos da paisagem...  
Eu tenho medo...  
Estão a se mover as roupas da ramagem...  
É o vento... (O vendaval, na calma do arvoredo,  
simula adormentar essas fúrias tamanhas...)

Tinha o vício do som... Chopin, os sons graves,  
as notas de pedal e ressonância,  
os motivos solernos,  
os violões esmorzando na distância,  
a elegia calada dos noturnos  
e as canções russas, languorosas,  
afinavam-lhe a sensibilidade  
na superesthésia das nervosas.

E tanto se integrou nessa ansiedade  
dos silêncios em música, velados,  
que um dia  
um espasmo de sons aveludados  
matou essa harmonia,  
que era o gozo sensual dos seus sentidos...

E agora, inatingida, alucinante,  
na muda impercepção dos seus ouvidos  
que já não ouvem,  
ainda vaga, nostálgica, ondulante,  
a alma das melodias de Beetowen.

Ellen, loura e dolente, vive agora  
da saudade dos sons crepusculares  
de outrora.

E pelas tardes, à falta  
dessas cadências singulares,  
depois que o ocaso morre e o crepúsculo desce,  
quedam-se ao pé dessa árvore pernalta...  
Lê... Imóvel, a paisagem,  
na unção de quem ouve uma prece,  
escuta-a com o silêncio da folhagem...

...E aos seus ouvidos, novamente alontanados,  
dobres de Laus-Perene  
passam, na procissão dos ritmos apagados...

Ellen lê Maeterlink... É a Princesa Maleine...

#### UM OUTONO DEPOIS

E tu ficaste lá... longe... na minha vida...

E eu tão só! Como pesa este abandono...

Abro os vitrais: que noite imensa...  
Envelhecida,

Anda uma sombra na alameda adormecida...  
Anda alguém a acordar todo o arvoredado...

...Eu tenho um grilo estrangulado nas entranhas...

...E tu ficaste lá... longe... na minha vida...

#### UM PUNHADO DE TERRA E UM PUNHADO DE CAL

Passa o enterro da luz nas chamas derradeiras  
entre a poesia de cinza espargida ao sol-posto...  
Alçam-se, sagitais, os vultos das palmeiras,  
espíritualizando os aspectos de Agosto.

O sangue que embebeu todo o sudário extenso  
que, pelo acaso, o sol fez cair de seu plaustro,  
o Angelus enxugou com farrapos de incenso...  
Há no poente o presságio angustioso de um claustro...

O crepúsculo é todo uma estranha ametista,  
a enclamar o céu, fundo, de buréis roxos...  
E assim, maguado, evoca um poema simbolista  
musicado em surdina ao canto-chão dos mochos...

A tarde vai morrendo... A agonia da nuança,  
em delíquos de tons, plange pelos espaços.  
Vésper quase desmaia... É uma rosa-de-França,  
no alho despetalando os seus reflexos baços...